

# PAPA FRANCISCO E PAUL RICOEUR: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO HOJE

## *POPE FRANCIS AND PAUL RICOEUR: CONTRIBUTIONS TO THE EVANGELIZATION PROCESS TODAY*

*Claudio Antonio Delfino*<sup>1</sup>

**Resumo:** Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho (1Cor 9,16)<sup>2</sup>. A prerrogativa de anunciar o Evangelho é um mandato de Jesus dirigido a toda Igreja. Sendo discipula/missionária do Senhor, ela deve manter seus olhos fixos Nele e voltar-se para a realidade onde se encontra para pregar a Boa-nova do Reino de Deus, realizando a vontade do Pai e deixando-se guiar pelo seu Espírito. Tal anúncio deve proporcionar aos seus interlocutores uma renovada esperança na vida, preferencialmente, aos mais vulneráveis, e não um fardo que provoque ainda mais sofrimento na existência deles. Afinal, quais seriam os desafios para evangelizar hoje, sendo fiel ao Senhor e buscando responder às mais diversas interrogações do espírito humano? A partir disso, pretende-se com esta reflexão verificar as contribuições do pensamento do Papa Francisco e de Paul Ricoeur para a missão da Igreja de evangelizar na atualidade. Utilizando o método ver, julgar e agir buscar-se-á, diagnosticar panoramicamente, a realidade hodierna à luz da Revelação, apresentar os elementos que a iluminem e indicar as colaborações teológico-pastorais para a evangelização hoje, com base no que foi proposto.

**Palavras-chave:** Igreja. Evangelização. Missão. Papa Francisco. Paul Ricoeur.

**Abstract:** Woe to me if I do not proclaim the Gospel (1Cor 9:16). The prerogative of announcing the Gospel is a mandate from Jesus addressed to the whole Church. Being a disciple / missionary of the Lord, she must keep her eyes fixed on Him and turn to the reality where she finds herself to preach the Good News of the Kingdom of God, carrying out the Father's will and letting herself be guided by his Spirit. Such an announcement should provide its interlocutors with renewed hope in life, preferably for the most vulnerable, and not a burden that causes even more suffering in their existence. After all, what would be the challenges to evangelize today, being faithful to the Lord and seeking to answer the most diverse questions of the human spirit? Based on this, the aim of this reflection is to verify the contributions of the thinking of Pope Francis and Paul Ricoeur to the Church's mission to evangelize today. Using the see, judge and act method, an attempt will be made to make a panoramic diagnosis of today's reality in the light of the Revelation, to present the elements that illuminate it and to indicate the theological-pastoral collaborations for evangelization today, based on what was proposed.

**Keywords:** Church. Evangelization. Mission. Paul Ricoeur.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia peça Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Doutorando em Teologia do Programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> A Bíblia a ser utilizada será: BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

## Introdução

Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho (1Cor 9,16). Com estas palavras do Apóstolo Paulo, se percebe claramente, que a missão de evangelizar é um mandato dado por Jesus aos apóstolos, constituindo a natureza mais íntima da Igreja. Ela é enviada a anunciar a boa nova do Reino de Deus na história onde se encontra, muitas vezes marcada com as alegrias e esperanças, tristezas e sofrimentos de um povo, procurando transformá-la, sempre aberta à esperança eterna, como recorda a *Gaudium et Spes*<sup>3</sup>.

Desta maneira, as sementes da Palavra devem ser lançadas no solo da história existencial de cada homem e mulher, proporcionando um encontro entre os destinatários do anúncio e o mistério do Reino de Deus, capaz de refigurar tantos rostos desfigurados pelos dramas hodiernos. O Papa Francisco recorda a necessidade de renovar a convicção de “que Deus que se funda na convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e de que Ele mostra o seu poder através da palavra humana”<sup>4</sup>. Por sua vez, Paul Ricoeur se denomina como “ouvinte da Palavra”<sup>5</sup>.

Assim, o evangelizador, mesmo se sofrendo com os demais irmãos e irmãs, não pode esmorecer-se, nem perder de vista a meta que se deve alcançar, isto é, confiar na força da Palavra de Deus e abrir-se à lógica do Reino.

A partir disso, pretende-se com esta reflexão verificar quais seriam as contribuições do pensamento do Papa Francisco e de Paul Ricoeur para a missão da Igreja de evangelizar na atualidade.

A reflexão terá a seguinte estrutura: I) a História como palco onde Deus se revela; II) A originalidade das parábolas de Jesus a partir do pensamento Papa Francisco e de Paul Ricoeur; III) A inesgotável riqueza da parábola do Bom Samaritano; IV) Implicações teológico-pastorais para a evangelização hoje; Considerações finais; Referências.

---

<sup>3</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes* (Sobre a Igreja no mundo de hoje). In: VIER, Frei Federico (Coord.) Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 25ª. Ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1968, nº 1, p. 144.

<sup>4</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium* (Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual). Brasília: CNBB, 2013, nº 136, p. 84.

<sup>5</sup> Cf. RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*. (Apresentação: François-Xavier Anherdt; Tradução: Paulo Meneses). São Paulo: Loyola, 2006, p. 13.

## 1. A História como palco onde Deus se revela

Partir da premissa de olhar para a realidade histórica onde Deus se revela, tem-se por finalidade dar um significado para as alegrias e esperanças, tristezas e sofrimentos das pessoas à luz da fé. Desta forma, como recorda o Papa Francisco, para compreender a verdade do desígnio divino na história, é necessário um nexos profundo com a fé: Se não credes, não compreendereis (cf. Is 7,9)<sup>6</sup>.

Desta maneira, serão apresentados, panoramicamente, alguns elementos da realidade atual, constituída como uma complexa rede. Tais elementos, mesmo que sintéticos, têm uma importância fundamental, pois trata-se do cenário onde deve desenvolver-se o labor teológico e o anúncio do querigma cristão, não isoladamente, mas no interior de uma Comunidade. Sem muito esforço se pode encontrar rostos desfigurados que anseiam por uma evangelização que transfigurem a sua existência.

Seguindo as pegadas do Concílio Vaticano II, quanto à colaboração dos estudos eclesiais para uma Igreja em saída missionária, o Papa Francisco assevera:

Aqui temos o mistério da salvação, de que a Igreja é em Cristo sinal e instrumento no meio dos homens: ‘um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão Institucional (...) que tem o seu fundamento último na iniciativa livre e gratuita de Deus’<sup>7</sup>

Na Teologia, diria Libânio: “Se há resposta do ser humano à Revelação, as mudanças na compreensão do ser humano refletem na maneira de ele viver sua fé. Em outras palavras, a cada concepção antropológica corresponde uma compreensão da fé e vice-versa”<sup>8</sup>. Já para Paul Ricoeur: “é a saúde do corpo eclesial que determina a qualidade das relações Igreja-mundo, pois não há nenhum equilíbrio externo sem o equilíbrio interno”<sup>9</sup>. Desta maneira, o processo de evangelização deve promover o encontro do Senhor que se revela, unicamente por bondade e não por necessidade, aos homens e mulheres que vivem numa história concreta. Ademais, segundo Paul Ricoeur, a realidade

---

<sup>6</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Lumen Fidei* (Carta Encíclica sobre a Luz da Fé). Brasília: CNBB, 2013, nº 23, p. 28.

<sup>7</sup> FRANCISCO, Papa. *Veritatis Gaudium* (Constituição apostólica sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiais). Brasília: CNBB, 2018, nº 4, p. 17.

<sup>8</sup> LIBANIO, João Batista. *Eu Creio, Nós cremos. Trato da fé*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 43.

<sup>9</sup> RICOEUR, Paul. “*Essere protestanti oggi*”. In: C. PARAVATI. *Paul Ricoeur. Per un’ utopia ecclesiale*. Torino: Claudiana, 2018, p. 18.

histórica é o lugar onde se dá o encontro do texto configurado – analogamente, funcionando como uma dobradiça entre o tempo prefigurado e o tempo refigurado deste – com o seu leitor<sup>10</sup>.

O anúncio do querigma cristão é uma resposta dos discípulos missionários de Jesus Cristo, que, na atualidade deve se intensificar, maximizando a nossa resposta de fé e anunciando que Cristo redimiu todos os pecados da humanidade, mediante o aspecto mais paradoxal de seu mistério, a hora da cruz. Nela, o grito Daquele que padecia a dor da morte: “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste? (Mc 15,34) não revela a angústia de um desesperado, mas a oração do Filho que oferece a sua vida ao Pai, no amor para a salvação de todos<sup>11</sup>. O grito de amor de Jesus deve consolar a tantos irmãos e irmãs que gritam de dor em meio a uma história com sentido obscurecido.

Um primeiro elemento da complexa realidade hodierna é a mudança de época. Reunidos em Aparecida, em 2007, os Bispos do Conselho Episcopal Latino-americano (Celam) constataram a existência de um novo contexto social, onde a realidade se tornou para o ser humano cada vez mais sem brilho e complexa. Diante deste novo cenário, a própria Igreja reconheceu a necessidade de olhá-la com mais humildade. Como tudo se modifica com tanta velocidade, fragmentando-se, apreender o sentido e a unidade da realidade tornou-se uma tarefa cada vez mais difícil. Quando as pessoas percebem a limitação que possuem em obter um conhecimento claro e preciso desta, costumam-se sentirem-se frustradas, ansiosas e angustiadas<sup>12</sup>.

Outro elemento da realidade atual é a grave crise ecológica com raiz antropológica, como afirma o Papa Francisco. A relação homem e natureza tem sofrido mudanças em ritmos acelerados, de modo que a rapidez das ações humanas contrastam com a lentidão da evolução biológica. Ademais tais mudanças não têm por objetivo o bem comum, além de não visarem o desenvolvimento sustentável e integral do homem, de provocar uma preocupante deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade<sup>13</sup>. Ademais, os últimos dois séculos foram marcados por ondas de enorme mudanças, mesmo tendo na ciência e na técnica a manifestação de uma estupenda criatividade humana, no entanto, não se pode ignorar que estas se tornaram um paradoxo

---

<sup>10</sup> RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 95.

<sup>11</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus e Paulinas, 2007, n.º, 134, p. 73.

<sup>12</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*, n.º, 36, pp. 28-29.

<sup>13</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si* (Carta Encíclica sobre a Casa Comum). Brasília: CNBB, 2015, n.º 18, p. 19.

quanto ao seu manuseio e finalidade<sup>14</sup>. O Papa Francisco ainda exorta a humanidade quanto ao desastre ecológico que está sofrendo a Amazônia, que, além de desfigurar este enorme bioma, ainda provoca o sofrimento dos mais pobres. Desta maneira é urgente promover uma autêntica abordagem ecológica, em comunhão com uma ecologia social, de modo que tanto o meio ambiente como os povos amazônicos sejam respeitados<sup>15</sup>. A desfiguração da beleza da natureza criada por Deus, é um grave obstáculo que a impede de cantar os louvores do Criador.

Não bastasse estes dramas, a humanidade ainda é acometida pela Pandemia do Coronavírus. É de se convir que desde 11 de março de 2020, quando da declaração do estado de Pandemia do novo Coronavírus pela Organização Mundial da Saúde – OMS, instalou-se mundo afora, um sofrimento de proporções gigantescas. Tal fenômeno ainda encontra-se presente em nosso meio, mesmo que seja em proporção menor<sup>16</sup>.

Um último dado desta narrativa, quanto aos dramas atuais, é a fragilidade das relações humanas em diversos níveis. Como retrata o Papa Francisco. Ele relata a presença de sombras pertencentes a um mundo fechado. Narra-se a seguir algumas destas sombras: sonhos foram desfeitos, com por exemplo, as variadas formas de integração que fracassaram – como foi o caso da União Europeia e na América Latina. Ademais, renasceram conflitos anacrônicos, nacionalismos fechados, exacerbados e agressivos. Tais fatos dificultaram a construção de um mundo fundado no bem, no amor, na justiça e na solidariedade. Outro fato alarmante é o fim da consciência histórica. Se se pretende construir um presente totalmente desvinculado do passado, como se tudo começasse do zero. Ainda se constata a ausência de um projeto para todos, semeando desconfiança e desânimo constantes, como uma maneira de dominar. Se não bastasse, nota-se a afirmação de um descarte mundial, considerando que parte da humanidade fosse um objeto sem valor, como por exemplo, os nascituros e os idosos. Com a procriação em níveis baixos, em muitos lugares a população se envelhece, sem contar que os idosos são abandonados na solidão. As regras econômicas fez aumentar a riqueza, mas não a equidade, levando os mais vulneráveis a um doloroso sofrimento. Os direitos humanos se manifestam como não sendo suficientemente universais, por vezes, levando a crer que a

---

<sup>14</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, n° 102, pp. 65-66.

<sup>15</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Querida Amazônia* (Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade). São Paulo: Loyola, 2020, n° 8, p. 13.

<sup>16</sup> UNASUS. Organização Mundial da Saúde declara início da Pandemia. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

dignidade humana não seria um bem comum. Tal cenário gera fragmentação, produzindo conflito e medo em muitas pessoas, não colaborando para a construção de um projeto universal de fraternidade, que por natureza, é vocação da família humana<sup>17</sup>.

Enfim, mesmo que brevemente, a narração destes elementos que marcam a realidade atual, são de grande valia quando do anúncio do Evangelho. Afinal, os destinatários da evangelização devem ser considerados na história concreta onde existem. Se tal cenário contribui para a desfiguração dos rostos de muitos de nossos irmãos, levando-os, em muitos casos, a um sofrimento atroz, o anúncio de Jesus Cristo, encarnado, morto e ressuscitado deve conduzi-los a uma autêntica refiguração, fazendo resplandecer a esperança na vida e a confiança na presença amorosa de um Deus que jamais nos abandona. E é isso que se propõe a seguir.

## **2. A originalidade das parábolas de Jesus a partir do pensamento de Paul Ricoeur e do Papa Francisco**

A narrativa da seção anterior teve por objetivo mostrar, mesmo que breve e panoramicamente, alguns cenários da realidade hodierna, à luz da Revelação. Reitera-se que a importância desta tratativa está no fato de que uma autêntica evangelização deve considerar a história onde se encontra os destinatários desta, o habitat onde pode ser construído um mundo novo, refigurado, justamente a partir do encontro pessoal do fiel com Jesus Cristo, fazendo brotar nele a alegria do Evangelho, ou ao menos deixar-se encontrar por Ele<sup>18</sup>. Caso contrário, o anúncio pode ser estéril, justamente por não oferecer alguma alternativa aos dramas enfrentados por uma comunidade. Isso vale para todo o labor teológico.

Como um pai de família que retira do seu baú coisas novas e velhas (Mt 13,52), neste momento da reflexão é necessário escolher, na inesgotável riqueza da Palavra de Deus, um caminho paradigmático para percorrer. Sendo assim, se tomará alguns aportes do pensamento do Papa Francisco e de Paul Ricoeur sobre a originalidade das parábolas de Jesus, mostrando que a “na cultura do encontro”, existe espaço para o “diálogo de

---

<sup>17</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti* (Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social). São Paulo: Paulus, 2020, nnº 9-28, pp. 15-24.

<sup>18</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, n.3, p. 4.

culturas”<sup>19</sup>. Com isso, se pretende evidenciar o valor da linguagem, tendo em vista se adequar aos destinatários da evangelização e fazer compreensível a mensagem anunciada.

O filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005 d. C.), mesmo sendo um filósofo, nunca escondeu o seu amor e interesse no trato com a Bíblia. Acusado de que seus escritos filosóficos fossem uma cripto-teologia, assim ele se defende: “Se defendo os meus escritos filosóficos contra a acusação de cripto-teologia, eu me guardo, com igual vigilância, de atribuir à fé bíblica uma função cripto-filosófica” (Soi-même comme un autre, Paris, 1990, Prefácio, p, 37)<sup>20</sup>. Desta maneira, se vê o grande lugar que a Bíblia ocupa na sua vida e em suas pesquisas. Ele mesmo se autodenomina como “ouvinte da Palavra”<sup>21</sup>.

Tendo a Sagrada Escritura um lugar de destaque no pensamento ricoeuriano, é de se perguntar agora: qual o significado da parábola para ele? Aliás, ele mesmo se interroga:

Pregar hoje sobre as parábolas de Jesus parece uma causa perdida. Não já ouvimos essas histórias na escola dominical? Não são histórias infantis indignas de nossa pretensão ao conhecimento científico, em particular em uma capela universitária? As situações que evocam não são típicas da vida rural, que nossa civilização urbana tornou praticamente incompreensível? E os símbolos que outrora despertavam a imaginação da gente simples, esses símbolos não se tornaram metáforas mortas, tão mortas como o pé da cadeira? Ainda mais: o desgastes dessas imagens, herdeiras da vida agrícola, não é a prova mais convincente da erosão geral dos símbolos cristãos em nossa época moderna?<sup>22</sup>.

Paul Ricoeur, com estas interrogações provoca o leitor a questionar-se se na pregação hodierna, recorrer ao uso de parábolas não seria obsoleto. Tal constatação é explícita no conteúdo das questões por ele formuladas. E ele mesmo responde da seguinte maneira:

Pregar hoje sobre as parábolas de Jesus ou, melhor, pregar as parábolas, com efeito é um desafio: desafio de que, apesar de todos os argumentos contrários, é sempre possível escutar as parábolas de Jesus de tal maneira que fiquemos atônitos uma vez mais, impressionados, renovados e postos em movimento. Foi esse o desafio que me levou tentar pregar as parábolas e não só estudá-las de maneira erudita, como um texto entre outros<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*, n° 199, p. 105.

<sup>20</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 13.

<sup>21</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 13.

<sup>22</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 226.

<sup>23</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 226.

Mas porque as palavras de Jesus ditas em parábolas acerca de vinte séculos continuam a provocar impressão, renovação e em situação de movimento àqueles que as ouvem, segundo Ricoeur? Assim ele responde: “Por um lado as histórias são – como disse um crítico – narrativas da normalidade, mas, por outro, é o Reino de Deus que se diz ser assim. O extraordinário é como o ordinário”<sup>24</sup>. Ademais ele acrescenta:

Se é verdade, como mostra a exegese contemporânea, que o Reino de Deus não é comparado ao homem que... à mulher que... ao fermento que... mas ao que se passa na narrativa, devemos examinar mais de perto essa breve narração mesma, a fim de identificar o que nela pode ser mais paradigmático<sup>25</sup>.

Com base nestas duas anotações ricoeurianas pode-se afirmar que na construção narrativa de uma parábola se encontra um paradoxo inicial. Mesmo valendo-se de elementos que eram comuns de seu tempo e acessíveis a compreensão de seus interlocutores, Jesus passa da ordinaryidade destes para a extraordinariedade do mistério do Reino de Deus. Tal artifício faz com que Jesus, na simplicidade de suas palavras, “sinalize para algo Todo Outro, para algo além, tão diferente da nossa história como o céu é da terra”<sup>26</sup>. A este propósito, segundo Xavier: “o referente último das parábolas não pode ser outro senão a experiência humana interpretada à luz dos recursos estravagantes da hipérbole e do paradoxo, cuja travessia evoca a relevante dinâmica do Reino de Deus”<sup>27</sup>.

Ademais, há que se mencionar que, segundo Ricoeur, três eixos são dialeticamente interligados na arte da parábola. São eles: “acontecimento, conversão e decisão”. Isto não significa que toda parábola seguirá o mesmo modelo. É comum que cada uma delas coloque acento sobre um desses três eixos, tendo assim, uma variedade de narrativas<sup>28</sup>.

Sendo assim, é oportuno afirmar que a utilização das parábolas de Jesus na evangelização hodierna será sempre original e provocativa, uma vez que leva os seus interlocutores a suscitar novas impressões, a serem interrogados interna e externamente na Comunidade, em busca de renovações que os coloquem em harmonia e movimento com os novos desafios pertencentes à realidade presente. A pregação do Reino de Deus

---

<sup>24</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 226.

<sup>25</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 227.

<sup>26</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 226.

<sup>27</sup> XAVIER, D.J. (Organizador) *Paul Ricoeur de A a Z* (Uma contribuição de estudantes para estudantes). São Paulo: Fons Sapientiae, 2019, p. 224.

<sup>28</sup> RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*, p. 226-227.



será sempre nova e motivadora, além de recorrer à linguagem parabólica. Neste sentido, o Papa Francisco recorda a importância e a fecundidade da pregação:

Renovemos a nossa confiança na pregação, que se funda na convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e de que Ele mostra o seu poder através da palavra humana. São Paulo fala vigorosamente sobre a necessidade de pregar, porque o Senhor quis chegar aos outros por meio também da nossa palavra (cf. *Rm* 10, 14-17). Com a palavra, Nosso Senhor conquistou o coração da gente. De todas as partes, vinham para O ouvir (cf. *Mc* 1, 45). Ficavam maravilhados, “bebendo” os seus ensinamentos (cf. *Mc* 6, 2). Sentiam que lhes falava como quem tem autoridade (cf. *Mc* 1, 27). E os Apóstolos, que Jesus estabelecera “para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (*Mc* 3, 14), atraíram para o seio da Igreja todos os povos com a palavra (cf. *Mc* 16, 15.20)<sup>29</sup>.

Desta maneira, a pregação se funda, antes de tudo, na confiança e na convicção do pregador, de que ele é um instrumento de Deus. O protagonismo é divino, e aquele que prega é seu colaborador. A sua palavra deve estar a serviço da Palavra de Deus. O pregador pode utilizar-se de imagens que facilitem o encontro dos fiéis com o Senhor. Desde sempre, Deus, unicamente por amor, quis revelar-Se a Si mesmo na História da Salvação através de palavras e acontecimentos que corroboram entre si<sup>30</sup>. O autêntico pregador deve seguir esta dinâmica, que encontra na pessoa de Jesus Cristo a sua plenitude. Ademais, o Papa Francisco afirma sobre a homilia, ratificando o pensamento ricoeuriano acerca das parábolas de Jesus: “Na homilia, a verdade anda de mãos dadas com a beleza e o bem. Não se trata de verdades abstratas ou de silogismos frios, porque se comunica também a beleza das imagens que o Senhor utilizava para incentivar a prática do bem”<sup>31</sup>. A simplicidade e a profundidade da linguagem, que revela a beleza do Reino de Deus, encontra lugar na narrativa das parábolas de Jesus, que deve ser anunciada com alegria.

Diante disso, os discípulos missionários são chamados pelo Senhor a fazerem uma experiência provocativa e alegre com Ele e o seu Evangelho, pois, a alegria do Evangelho que enche a vida dos seus seguidores, é uma alegria missionária. Esta alegria é um sinal de que a Palavra foi anunciada e está a frutificar, como atesta o Papa Francisco:

---

<sup>29</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelli Gaudium*, nº 136, p. 84.

<sup>30</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum* (Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina). In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 25ª. Ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1968, nº 2, p. 123.

<sup>31</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangeli Gaudium*, nº 142, p. 87.

A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (cf. Lc 10,17). Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. Lc 10,21). Sentem-na, cheios de admiração, os primeiros que se convertem em Pentecostes, ao ouvir “cada um na sua própria língua” (At 2,6) a pregação dos Apóstolos. Esta alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar. Mas contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além<sup>32</sup> (Francisco, 2013, n. 21, p. 20).

Sendo assim, uma Igreja em saída, implica numa constante permanência com Aquele que é a sua referência e num movimento de ir ao encontro, preferencialmente, dos mais vulneráveis, com a convicção de que tal serviço que brota da fé é, essencialmente, uma constante doação. E no anúncio da Palavra, a criatividade do pregador, que nasce da prática da caridade evangélica, pode ser um importante instrumento para que o fiel faça a experiência de sentir o coração de Deus arder no seu próprio coração, a exemplo dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35).

### **3. A inesgotável riqueza da parábola do Bom Samaritano**

Como esgotar a riqueza da Palavra de Deus? Certamente é um labor impossível, sua riqueza é incomensurável. E mesmo que alguém pensasse em investigar somente as parábolas de Jesus com o intuito de conhecê-las, seria tratado com desprezo. O mistério nelas contido ultrapassa sobremaneira a nossa estrutura de conhecimento. Antes de tudo, a Palavra de Deus deve ser acreditada. Mas isto não cancela o esforço sincero do fiel em compreendê-la.

Diante disso, deixemo-nos interpelar, mesmo que brevemente, ao menos pela Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), dado que, através dela, o Senhor continua a nos ensinar e iluminar a realidade hodierna, obscurecida pela falta de sentido, acometendo tantos irmãos e irmãs num sofrimento desmedido. Assim segue:

Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus retomou: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote, viu-o e passou adiante. Igualmente, um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em

---

<sup>32</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelli Gaudium*, n° 21, pp. 19-20.

viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-o cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei. Qual dos três, em sua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? Ele respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Jesus então lhe disse: Vai, e também tu, faze o mesmo. (Lc 10,29-37).

De antemão, o Papa Francisco atesta que: “a parábola em questão é expressa de tal maneira que qualquer um de nós pode se deixar interpelar por ela”<sup>33</sup>. Como não seguir o exemplo do Bom Samaritano nos dias de hoje, à luz do mistério do Reino de Deus? Quantas pessoas se encontram caídas à margem da sociedade e da existência gritando por socorro. Como ser indiferentes com elas?

Assim como o Papa Francisco, Ricoeur, além de colaborar acerca do significado e alcance da linguagem parabólica, oferece também uma chave de leitura para a parábola em questão. Ele considera que não basta tomar o – “fazer a mesma coisa” – que fez o samaritano, como uma decisão desvinculada do acontecimento e da conversão. Tal cisão poderia levar a parábola a tornar-se meramente uma fábula moral, esvaziando-a de significado e fechando-a à beleza e fecundidade da lógica do Reino de Deus, além de transformá-la numa alegoria da ação caridosa. Assim, ele a interpreta:

Há ainda certas parábolas que acentuam a decisão, o fazer, mesmo a boa ação, como na parábola do bom samaritano. Reduzida, porém, a esse último momento chave, a parábola parece não passar de uma fábula moral, de um simples apelo a “fazer a mesma coisa”. Reduzida assim a um ensinamento moral, deixa de ser parábola do Reino para tornar-se uma alegoria da ação caridosa. Devemos recolocá-la no quadro das parábolas do acontecimento, da conversão e da decisão, se a fábula moral deve ser dita ainda uma vez como parábola<sup>34</sup>.

A fé do discípulo/missionário que se abre ao mistério do Reino de Deus deve levá-lo a uma atitude solícita com o “outro” sofredor. Quanto ao conceito de “solicitude”, Ricoeur, afirma que esta consiste na abertura e na acolhida do outro como ele é, apontando para o horizonte da gratuidade, para a economia do Dom<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*, n° 56, p. 37.

<sup>34</sup> RICOEUR, Paul. *Hermenêutica Bíblica*, p. 228.

<sup>35</sup> Cf. XAVIER, D.J. (Organizador) *Paul Ricoeur de A a Z*, pp. 268;270.

O amor solícito, acolhedor não tem fronteiras. Ele deve ser inclusivo. O Papa Francisco afirma que: “ao amor não interessa se o irmão ferido vem daqui ou dacolá”<sup>36</sup>. A atitude de proximidade denota que o alcance e a necessidade de amar concretamente, se mostra acima de uma prática religiosa meramente por preceito vazio ou compreensão da Palavra de Deus isolada do testemunho fraterno. O samaritano não somente tornou-se próximo do que havia caído nas mãos dos assaltantes. Além disso, cuidou dele. O amor cristão deve nos levar ao cuidado do próximo desinteressadamente, um cuidado, recorda o Papa Francisco, não como algo que pesa ou por obrigação, mas como uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade<sup>37</sup>.

Na parábola citada, o samaritano além de chegar perto do que estava semimorto, ele viu-o. Uma primeira constatação é que o sacerdote e o legista também o viram (Lc 10,31-32). Mas ambos, apesar de terem visto o que tinha caído nas mãos dos assaltantes, repetiram um ritual de indiferença, isto é, viram e passaram adiante. Se esperava de quem estava em Israel a obrigação de observar a caridade (sacerdote e levita), mas foi justamente um estrangeiro e herege (o samaritano) (cf. Jo 8,48; Lc 9,53) do qual se esperava, normalmente, senão ódio ou indiferença, que jorrou uma nobre atitude de amor<sup>38</sup>. Ele nos ensina a vencer a “globalização da indiferença”, tão presente atualmente. A propósito nos atesta o Papa Francisco: “Dizemos que crescemos em muitos aspectos, mas somos analfabetos em acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvida”<sup>39</sup>. O amor do Bom Samaritano que é Jesus Cristo, o revela como alguém sensível à realidade alheia marcada pelo sofrimento. Segundo Ricoeur, o amor que o amor requer é surpreendente e não escandaloso, pois o escândalo do amor configuraria na sua obrigatoriedade<sup>40</sup>. Longe da insensibilidade egoísta, que é uma das tentações culturais hodierna, é urgente, unicamente por amor, movermo-nos de compaixão em direção a tantos irmãos e irmãs, especialmente os mais vulneráveis, fazendo-nos próximos deles.

Enfim, a parábola do Bom Samaritano “é um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos fazer para reconstruir o nosso mundo ferido. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom

---

<sup>36</sup> FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*, n° 62, p. 40.

<sup>37</sup> Cf. FRANCISCO, Papa. *Evangelli Gaudium*, n° 269, p. 154.

<sup>38</sup> Cf. BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*, nota de rodapé d, p, 1808.

<sup>39</sup> FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*, n° 64, p. 41.

<sup>40</sup> Cf. XAVIER, D.J. (Organizador) *Paul Ricoeur de A a Z*, p. 34.

samaritano”<sup>41</sup>. Cabe a cada um, a partir da fé e por amor, fazer a sua opção. Um caminho evangelizador convincente em nossos dias, passa pelo caminho do Bom Samaritano da Humanidade. Da missão Dele, a Igreja jamais pode se esquecer, pois a sua missão é continuar espalhando as sementes do Reino de Deus no meio do mundo, cuidando para elas frutifiquem. Ademais, não se pode neste caminho deixar de estar aberta a todos. O amor samaritano é um amor gratuito e incluyente.

#### **4. Implicações teológico-pastorais para a evangelização hoje**

A partir do que foi apresentado acerca do pensamento do Papa Francisco e de Paul Ricoeur, como fora proposto, pode-se tirar as seguintes contribuições para o processo de evangelização hoje:

a) A Igreja jamais pode separar-se de sua Fonte, isto é da Trindade, que revelando-se na história humana, transformou-a em História de Salvação. Por outro lado, ela jamais pode prescindir de olhar para a realidade onde se encontra, procurando ser luz dos povos,, especialmente aos mais vulneráveis;

b) A Igreja deve confiar na força da Palavra de Deus e colocar-se diante Dele como o seu colaborador, usando de semelhante criatividade que Jesus utilizou, quando anunciou o extraordinário mistério do Reino na ordinariedade da linguagem e imagens do seu povo. O anúncio deve ser realizado com simplicidade e profundidade;

c) Como o Bom Samaritano da Humanidade, a Igreja deve estar convencida da gratuidade do amor solícito, que levou-O na parábola a ver, aproximar-se, mover-se de compaixão e cuidar do que estava semimorto, à luz da dinâmica do Reino. Esta a essência da missão eclesial hoje;

d) Enfim, movida pelo amor, a Igreja deve superar hoje a globalização da indiferença e pôr-se a caminho em direção de todos, rompendo qualquer barreira ou muros que nos dividem. O coração bondoso de Jesus deve pulsar no coração dela e, através dela em todos os irmãos e irmãs.

---

<sup>41</sup> FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*, n° 67, p. 42.

## **Considerações finais**

Recordamos que o objetivo desta investigação era de verificar quais seriam as contribuições do pensamento do Papa Francisco e de Paul Ricoeur para a missão da Igreja de evangelizar na atualidade. Tendo consciência dos inúmeros dramas que assolam a humanidade hoje, como por exemplo, a mudança de época, a crise ecológica, a presença e as consequências da Pandemia da Covid-19 e a crise nas relações pessoais em seus diversos níveis. A luz da Revelação livre e amorosa de Deus deve refletir na Igreja, a fim de que ela ilumine a todos os povos, como uma Boa Samaritana.

Para tal fim, viu-se a importância de retornar à simplicidade com que Jesus anunciou o extraordinário mistério do Reino de Deus na ordinariade da existência e da cultura do seu povo, fazendo-se compreender, mediante as parábolas. Tal artifício continua sendo válido ainda hoje. A importância de uma linguagem acessível, que fale ao coração das pessoas, é uma necessidade urgente, que não pode ser relegada em segundo plano no processo de evangelização hodierno. Disso nos recordou o Papa Francisco e Paul Ricoeur.

Enfim, o caminho do Bom Samaritano deve ser o caminho da Igreja hoje. As suas atitudes devem se tornar realidade em cada um de nós. Se faz necessário tornar-se próximo dos outros, especialmente dos mais vulneráveis, romper com as barreiras da globalização da indiferença, curar as feridas dos que sofrem e amar solícitamente, sem fronteiras. Para isso se realizar, basta começar por mim e por você imediatamente.

## **Referências**

- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum* (Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina). In: VIER, Frei Federico (Coord.) **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. 25ª. Ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes* (Sobre a Igreja no mundo de hoje). In: VIER, Frei Federico (Coord.) **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. 25ª. Ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulus e Paulinas, 2007.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium** (Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual). Brasília: CNBB, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti** (Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social). São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si** (Carta Encíclica sobre a Casa Comum). Brasília: CNBB, 2015.

- FRANCISCO, Papa. **Lumen Fidei** (Carta Encíclica sobre a Luz da Fé). Brasília: CNBB, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia** (Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade). São Paulo: Loyola, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Veritatis Gaudium** (Constituição apostólica sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas). Brasília: CNBB, 2018.
- LIBANIO, João Batista. **Eu Creio, Nós cremos**. Tratado da fé. São Paulo: Loyola, 2000.
- RICOEUR, Paul. “*Essere protestanti oggi*”. In: C. PARAVATI. **Paul Ricoeur. Per un’ utopia ecclesiale**. Torino: Claudiana, 2018.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RICOEUR, Paul. **A Hermenêutica Bíblica**. (Apresentação: François-Xavier Anherdt; Tradução: Paulo Meneses). São Paulo: Loyola, 2006.
- UNASUS. **Organização Mundial da Saúde declara início da Pandemia**. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>.
- XAVIER, D. J. (Organizador) **Paul Ricoeur de A a Z** (Uma contribuição de estudantes para estudantes). São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.

*Recebido em: 05/04/2023*

*Aprovado em: 28/06/2023*